

OPINIÃO

EDITORIAL

Enchentes: a omissão que não cai do céu

Ribeirão Preto voltou a assistir, nos últimos dias, a cenas que deveriam estar enterradas no passado: avenidas transformadas em rios, carros ilhados, lixo descendo em correnteza como se a cidade tivesse desistido de si mesma. Não se trata de um evento isolado — trata-se de um padrão. E, pior, de um padrão conhecido.

As chuvas recentes, com acumulados expressivos — 84 milímetros em apenas 48 horas, segundo a própria Prefeitura — foram suficientes para expor, mais uma vez, a fragilidade da zeladoria urbana e da drenagem da cidade . Alagamentos se repetiram em diferentes regiões, com impactos relevantes na malha urbana e na rotina da população.

Mas o problema não é — nunca foi — apenas a chuva.

Reportagens recentes mostram que o córrego Ribeirão Preto sofre com ocupação irregular, acúmulo de lixo e falhas estruturais, fatores que agravam diretamente os alagamentos . Em outras palavras: o desastre não começa no céu, começa no chão — ou melhor, na falta de cuidado com ele.

E foi justamente isso que se viu, de forma escancarada, na região central. Na área da Avenida dos Andradas, imagens de enxurradas carregando montanhas de lixo viralizaram. Não é apenas um retrato da chuva — é um retrato da negligência. É inadmissível que uma cidade do porte de Ribeirão Preto naturalize rios de resíduos urbanos correndo a céu aberto.

Não se pode tratar como “evento extremo” aquilo que já virou rotina.

A atual gestão se aproxima da metade do mandato sem apresentar qualquer medida estrutural capaz de enfrentar o problema de forma definitiva. Há ações emergenciais, forças-tarefa, limpeza após o desastre — tudo necessário, mas

insuficiente. É a lógica de sempre: correr atrás do prejuízo em vez de evitar que ele aconteça. E isso já deveria ter mudado.

Porque Ribeirão Preto sabe — e já provou — que é possível enfrentar enchentes com planejamento e investimento. O último grande avanço nesse sentido remonta às obras anti-enchente viabilizadas com recursos obtidos ainda na administração de Welson Gasparini e executadas na gestão de Darcy Vera, especialmente entre 2008 e 2009. Naquele momento, o problema foi atacado com seriedade e técnica. Houve intervenção, houve resultado. De lá para cá, o que se vê é a cidade enxugando gelo.

Sem continuidade de investimentos estruturais, sem ampliação consistente do sistema de drenagem e, sobretudo, sem uma política eficaz de zeladoria urbana — que inclui limpeza, manejo de resíduos e fiscalização — o cenário voltou a se deteriorar. O lixo voltou para as ruas. As bocas de lobo voltaram a entupir. E a água voltou a cobrar a conta.

Não se trata apenas de infraestrutura, mas de gestão.

A crise das enchentes é, antes de tudo, uma crise de prioridade. Quando a cidade convive com lixo acumulado, terrenos abandonados e córregos assoreados, o resultado é previsível — e evitável. A repetição dos episódios recentes deixa claro que não falta diagnóstico. Falta decisão.

Já passou da hora de a atual administração chamar para si a responsabilidade de resolver o problema. Não como discurso, não como reação pontual, mas como política pública consistente, contínua e mensurável. A população não precisa de explicações a cada nova chuva. Precisa de soluções antes da próxima. Porque, enquanto o poder público hesita, a cidade afunda — de novo, e sempre no mesmo lugar.



OPINIÃO DO LEITOR

Absurda a informação de que os centros culturais de Ribeirão estão parados por incompetência da gestão municipal. É o sinal completo do descaso.

Maria Gabielli, Campos Elíseos

NOVAS IDEIAS

Marcha fúnebre da direita: um inventário de perdas

LUIZ RUFINO



O QUE FOI FEITO, AMIGO, DE TUDO O QUE A DIREITA SONHOU? HOJE, DEBRUÇO-ME SOBRE A CARCAÇA DOS ERROS DE BOLSONARO; NOUTRA AURORA, FAREI A AUTÓPSIA DE LULA 3. POR ORA, FIQUEM COM A LÚGUBRE MARCHA FÚNEBRE DA DIREITA BRASILEIRA.

Ah, o Brasil! Essa pátria que não apenas se prostitui, mas faz questão de anotar o preço no caderninho da infâmia, com o cinismo de quem já não cora diante do espelho da própria degradação. Dizia o Velho da Virgínia — goste o leitor ou não —, com a precisão de um legista que já fareja o formol, que Bolsonaro acabaria vivendo das migalhas que caem da mesa daqueles que o detestam. A profecia, meus caros, é o óbvio ululante: cumpriu-se.

Com a morte do Velho, a direita órfã migrou da forja das ideias para o balcão do engajamento e da monetização rasteira. Onde havia um norte, hoje boceja um vácuo. O movimento corre o risco de tornar-se um gigante de pés de barro: inflado de seguidores, mas exangue de coesão para suportar o estupor de um segundo turno. A ausência de uma bússola intelectual transformou a direita num arquipélago de feudos, onde influenciadores mercadejam cliques enquanto a narrativa, frágil e acéfala, perde a capacidade de pautar o debate público de forma proativa.

E os generais? Que espetáculo de inépcia e anacronismo! O que temos hoje é uma elite militar que ainda respira o oxigênio viciado da década de 70. São desenvolvimentistas de pijama, nacionalistas de almanaque que acreditam habitar o “milagre econômico” enquanto o mundo gira no eixo da inteligência artificial e do globalismo financeiro. É uma inépcia que dói na alma. Cegos para o tabuleiro geopolítico, perdem-se em teorias de segurança nacional que já haviam caducado antes mesmo da queda do Muro de Berlim. Foi essa ala, fardada e tateante, que convenceu Bolsonaro a trocar a militância digital — os “garotos do Twitter” — pela governabilidade ilusória do Centrão. O resultado? A desidratação lenta e amarga do movimento.

E o tal “golpe”? Ou aquela “minuta” de papel de pão? Ora, convenhamos: o golpe é uma ideia que exige, no mínimo, um cérebro funcionando. O que vimos foi o vácuo absoluto de massa cinzenta. É uma impossibilidade cognitiva cogitar ruptura institucional vinda de gente que não articula um pensamento estratégico para além da próxima gratificação de cargo comissionado. A minuta não é um crime de lesa-pátria; é um atestado de óbito da inteligência estratégica. Não protegeram a pátria; protegeram o soldo, a aposentadoria e o status quo de uma burocracia que treme diante de uma toga.

Vejam agora o Príncipe, o herdeiro ungido, o Flávio. Ele circula pelos corredores de Brasília com o cinismo de quem já vislumbra o martelo do leiloeiro. O conservador clássico — se é que tal espécime ainda respira nestas bandas — olha para o filho do Presidente e sente náusea. Sem capital intelectual, Flávio não possui crédito para manobras de risco. Cada flerte com o Judiciário ou com o governo Lula é lido como fraqueza, nunca como astúcia. O vácuo de inteligência impõe um teto ao seu crescimento, condenando-o ao eterno recall da sombra paterna. A candidatura é um castelo de cartas ao vento.

O Brasil de 2026 não é uma eleição; é um inventário de perdas. Sob o peso da fragilidade terminal, estamos todos mortos, meus caros, mas esquecemos de deitar. No vácuo do brio, resta-nos a náusea de assistir ao leilão final da pátria, aguardando que o tempo nos faça, enfim, o favor do enterro.

**Professor e cientista político*

Jornal Digital

Leia o QRCode e acesse a versão online do Jornal Ribeirão



Pontos de Distribuição

Veja onde você encontra a versão impressa do Jornal Ribeirão:

- Banca Tibiriça - R. Tibiriçá, 600
- Banca do Denis - R. Otavio Golfeto, 326
- Banca Saudade - Av. Saudade S/N
- Banca Paulista - Av. Independência, 1680
- Banca 2000 - Praça Coração De Maria S/N

- Banca Balieiro - R. Gen. Osório, 549 - Calçadão
- Banca Oracilda - Praça Jose Mortari S/N
- Banca Solange - Av Pres. Vargas, 25 - Esq. Av R. Nove De Julho
- Banca Camões - Praça Camões S/N

- Banca Oásis - R. Duque de Caxias, 800
- Banca Pinguim - R. Gen. Osório em frente a Choperia Pinguim - Calçadão
- Banca do Valdir - Av. Nove De Julho, 378 - Esq. R. Visconde de Inhaúma
- Banca 13 de Maio - Av. 13 De Maio, 575

- Banca Irajá - R. Dr. Isaac Teodoro de Lima, 588
- Banca Sete de Setembro - Praça
- Banca do Emerson - R. Campos Salles, 431
- Banca Oficce Center - Av Portugal, 1760
- Banca do Amaral - R. Amador Bueno, 395
- Banca da Lucia - Av Dom Pedro S/N

- Banca do Rogério - R. Maria Tereza Braga Cenri, 425
- Banca do Peruano - R. Florêncio De Abreu S/N (Calçada Cathedral)
- Banca da Japa - Av. Jerônimo Gonçalves, 493 (Próx Rodoviária)

JORNAL RIBEIRÃO

SKY COMUNICAÇÃO E EVENTOS LTDA
cnpj 12.884.377/0001-30

www.JORNALRIBEIRAO.COM.BR

REDAÇÃO:

Av. Eduardo Gomes de Souza, 766 - S/4
City Ribeirão - Ribeirão Preto/SP
CEP 14021-540

Editor-chefe: **Eduardo Schiavoni**
Editor adjunto: **Beatriz Camargo**
Editor de arte: **Daniel Torrieri**

Contato:
redacao@jornalribeirao.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR:
(16) 99173-3980

Acesse pelo QRCode >



Departamento Comercial:
comercial@jornalribeirao.com.br

Material noticioso e fotográfico fornecido pelas agências de notícias Estado, Brasil, France-Press, Reuters, pela equipe de correspondentes e pelos colaboradores.

O Jornal Ribeirão não se responsabiliza por conceitos ou opiniões emitidos em colunas ou artigos assinados.